

InFo Reportagem

III SEMANA C&T CAMPUS LAFAIETE - 2018

Mattheus Augusto (Bolsista)

Série de eventos marca a 3ª Semana de Ciência e Tecnologia no IFMG . Campus Avançado Conselheiro Lafaiete

III SEMANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
IFMG - CAMPUS CONSELHEIRO LAFAIETE

CIÊNCIA PARA REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

Palestras, Minicursos, Feira de Ciências e de Profissões

DATA: 29, 30 e 31/10/2018
LOCAL: Campus Conselheiro Lafaiete
INSCRIÇÕES: 15 a 29/10/2018
www.event3.com.br/ciencia_ifmglafaiete_2018

Informações:
e-mail: pesquisa.conselheirolafaiete@ifmg.edu.br
Telefone: (31) 3762-2561

INSTITUTO FEDERAL
MINAS GERAIS

Motivado pelo tema "A Ciência para a redução das desigualdades", o IFMG - Campus Avançado Conselheiro Lafaiete realiza a III Semana de Ciência e Tecnologia (C&T), do dia 29 ao dia 31 de outubro, por meio de uma série de eventos e atividades, com a participação

de diversos convidados externos e internos à comunidade acadêmica: haverá minicursos, palestras, debates, mesas-redondas e exposições de projetos dos Grupos de Trabalho (GTs) e dos bolsistas de iniciação científica e de extensão.

A organização do evento ficou a cargo de uma comissão composta por servidores e alunos, sob a Coordenação da Prof.^a Caroline Delpupo, Coordenadora de Pesquisa e Inovação Tecnológica. O evento inicia hoje às 12h30min., com credenciamento e solenidade de abertura e será finalizado às 16:30 do dia 31.

Além das várias atividades, voltadas para as novas tecnologias, redução das desigualdades e suas influências no mercado de trabalho e no

cotidiano, os Grupos de Trabalho (GTs) realizam mostras com diferentes projetos ligados a ensino, pesquisa, inovação e extensão, construindo um ambiente múltiplo de experiências que une alunos, servidores e comunidade em torna da Ciência.

O evento fomenta um espaço de divulgação e exposição de projetos desenvolvidos no Campus junto a espaços de debates e palestras que visam demonstrar como o tema "A Ciência para a redução das desigualdades" influencia nossa realidade diária, com o intuito de refletirmos sobre o aperfeiçoamento de uma equidade social, de fato, genuína.

Com 18 projetos de diferentes naturezas, os GTs compostos por cerca de 15 alunos, orientados por um docente, compõem um extenso painel, dentre os quais estão os seguintes temas:

- Presença das minorias no discurso político+
- Interferências poéticas frente à desigualdade de gênero+
- Guincho hidráulico para pessoas acamadas e cadeirantes
- Congado em Conselheiro Lafaiete
- Cadeira com baixo custo para deficientes e idosos
- Eficiência Energética Residencial
- Triciclo inclusivo para pessoas com dificuldade de locomoção
- Sala Geológica
- Sistema de irrigação de baixo custo
- Plantas Alimentícias não convencionais+

A equipe Infolafaiete tem o prazer de divulgar e cobrir este evento.

III SEMANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
IFMG - CAMPUS CONSELHEIRO LAFAIETE

SEMANA PARA REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

Programação

29 Outubro	30 Outubro	31 Outubro
12h30min Credenciamento	8h Apresentação de Trabalhos Ensino Médio Integrado	8h Apresentação de Trabalhos Ensino Médio Integrado
13h30min Solenidade de Abertura	8h Feira de Profissões	8h Feira de Profissões
13h45min Palestra de Abertura: Novas tecnologias e a revolução nas atividades cotidianas.	11h Apresentação Bolsistas PIBIC/PIBEX	11h Apresentação Bolsistas PIBIC/PIBEX
15h Minicursos	12h30min Atividade Cultural	12h30min Café com política
17h - Intervalo	13h45min Mesa Redonda: Os desafios da inclusão na contemporaneidade.	13h45min Mesa Redonda: Educação Tecnológica e o Mercado de Trabalho
19h Mesa Redonda: Novas tecnologias e a revolução nas atividades cotidianas.	13h45min Mesa Redonda: Representações da mulher na ficção de autoria feminina.	13h45min Mesa Redonda: Educação Tecnológica e o Mercado de Trabalho
21h Apresentação de Trabalhos Subsequente - Mecânica e Eletroeletrônica.	15h Feira de Profissões	13h45min Feira de Profissões
21h Minicursos	15h Minicursos	15h I Desafio Científico do IFMG-CL
		16h30min Encerramento e Premiação

Inscrições: até 28/10/2018
www.event3.com.br/ciencia_ifmglafaiete_2018
Informações - (31) 3762-2561
CNPJ - 06.940.248/0001-90
Rua Pedro Toledo, Res. 441, São Ovídio, Conselheiro Lafaiete

Organização:
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
MINAS GERAIS
Campus Avançado Conselheiro Lafaiete

InFo Crônica

O lugar devido

Ephigênia Chaves Janoni (cronista)*



**Membro da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette (ACLCL) e cronista do Jornal CORREIO, Ephigênia Chaves Janoni*

Um lugar à sombra seria o reservado à mulher, na ordenação do homem; e pra buscar o intangível lugar ao sol, essa mulher se rebelou em gestos e atitudes solitárias, ou se juntou a outras, em rebeliões extremistas, ou moderadas, através dos tempos.

Trás de um grande homem está uma grande mulher!+ Ainda, outro dia, ouvi o ditado, fora do contexto. Nem atrás, nem à frente. Um lugar ao lado - seria, a princípio, o projeto, na ordenação do Criador. Mas Eva, na sua ingenuidade, comete o pecado da gula, provando da irresistível maçã, agravante do outro pecado . a desobediência. Condenada à expulsão da zona de conforto, arrasta com ela Adão, e se torna a grande culpada da história, legando o estigma de vilã às sucessoras. Às dores de parto, outras penas seriam impostas a esta inconsequente criatura: a submissão, a servidão e o silêncio. Isto explicaria, milênios depois, o sumiço do evangelho de Maria

Cospe os restos da maçã presos na garganta e adentra os tempos modernos, a mulher que, se absolvendo, alcança as prerrogativas de uma cidadã.

de Magdala? E as presenças de tantas marias caladas pelos calvários?

Não sei, só sei que a culpa parecia imperdoável na Idade Média. Nos bastidores, trancafiadas, as supostas bruxas. E, caso, surpreendidas, em cena, negado-lhes seria o papel de protagonistas, no máximo, coadjuvantes ou invisíveis figurantes, ao fundo do palco. Às Joanas D'Arcs, as fogueiras da Inquisição.

Cospe os restos da maçã presos na garganta e adentra os tempos modernos, a mulher que, se absolvendo, alcança as prerrogativas de uma cidadã. A conformada %ainha do lar+ que não tinha ideia do tamanho do seu reino, vai conquistando espaços na sociedade que ainda conserva resquícios de uma tradição patriarcal e machista.

E hoje, mesmo que não pretendesse a ultrapassagem nessa corrida pela igualdade como apontam as estatísticas, ela alcançou ser a maioria. A maioria na provisão dos lares, nas Universidades, no cadastro de titulares das contas bancárias, das presenças nas reuniões de pais, na lista de aprovados em concursos, no cadastro de cidadãos eleitores, etc. etc. etc...

Mas, porém, todavia, contudo... (Oq indesejável adversativa!...) as mulheres são a minoria em cargos de comando, nas empresas Públicas e Privadas; e na política, numa tímida e imperdoável ocupação de cadeiras no Congresso Nacional.

Aqui, interrompe-se esta proposição, início de conversa, provocação de um assunto a ser desdobrado. Tratar da mulher . esta espécie ainda envergonhada, na poética de Adélia Prado . e fascinante, segundo o pensador, representante da exceção neste %status quo+, Leandro Karnal, foi motivo desta pauta. Que ela sirva, no mínimo, para abrir janelas, onde se debrucem olhares perspicazes sobre os caminhos deste ser feminino que habita o corpo e/ou a alma, que se debate em ser feminina e/ou feminista; e enfrenta, no compasso das conquististas, o feminicídio, extermínio causado pela violência que emerge dos subterrâneos, retornando com fúria, para silenciar Marias não mais caladas.

InFo Opinião

DESIGUALDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM LAFAIETE

Isabela Sampaio (Bolsista)

Em pesquisa, o InFolafaiete foi às ruas saber como andam a desigualdade de gênero e a violência doméstica na cidade



A diversidade de gênero tem sido um assunto constantemente discutido hoje, visto que tem gerado graves consequências para as pessoas. A falta de informação e a incapacidade de aceitá-la levam a resultados alarmantes de violência (física, doméstica, psicológica, etc.), discriminação, preconceito e intolerância.

A violência doméstica, por exemplo, é pauta recorrente dessa intolerância, porque, na maioria dos casos, as vítimas deste crime — as mulheres —, relatam abuso físico ou psicológico de

um membro de seu próprio núcleo familiar, cujo objetivo é manter poder ou controle sobre a mesma. Segundo a pesquisa *Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado*, realizada em 2010 no Brasil, uma mulher é morta a cada duas horas e estima-se que cinco são espancadas a cada 2 min., dados expressivos que só aumentam e se repetem no mundo. Estudos re-



alizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 10 países pesquisados, mostra que as taxas de mulheres que foram agredidas fisicamente, em algum momento da relação pelo parceiro variam entre 10% e 52%.

Em Conselheiro Lafaiete, nosso jornal realizou uma pesquisa em dois âmbitos — cotidiano e mercado de trabalho —, entrevistando 40

mulheres, com o fim de revelar seu conhecimento e sua posição sobre o tema. Cerca de 45% das entrevistadas conhecem ou já presen-

Esses casos de desigualdade de gênero estimulam a agressão, o preconceito e a discriminação e ainda são fatores recorrentes

CONTATOS:



Jornal InFolafaiete

BLOG: <https://infolafaiete.wordpress.com/> / E-MAIL: infolafaietejornal@gmail.com

ciaram casos de violência doméstica, e 95% consideram o medo a principal barreira para que a vítima procure ajuda. Promulgada no Brasil desde 2006, a Lei Maria da Penha é a mais conhecida entre os entrevistados, que relataram o fato de ela ter sido tardiamente decretada, visto que, muitas mulheres já vinham sofrendo sem ter nenhuma assistência.



A discriminação não se restringe só a ambientes domésticos, pois, no mercado de trabalho, ela sempre se fez presente. A falta de compreensão dos homens de que uma mulher pode exercer a mesma função e ganhar o mesmo que ele traz à tona situações

preocupantes. Um relatório lançado anualmente pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) mostra que 45,2% das mulheres participam do mercado de trabalho, enquanto a taxa é de 60,1 % para os homens, resultado direto da desigualdade. Mesmo tendo níveis educacionais em média superiores aos homens e sendo a maioria no país, a participação feminina no mercado é menor.

Na apuração realizada nos comércios da cidade, 75% das mulheres entrevistadas afirmaram que já tiveram a opinião desconsiderada frente à de homens no local de trabalho, e 60% já presenciaram casos de discriminação ou desigualdade clara entre homem e mulher. Em



alguns casos, as vítimas preferem se calar e aceitar tal situação, para assegurar seu emprego. Com isso, aumenta-se o nível da discriminação, pois, ao se calarem, elas perdem o direito de questionar e se impor.

Esses casos de desigualdade de gênero que estimulam a agressão, o preconceito e a discriminação ainda são fatores recorrentes, porém a sociedade vem impondo meios para barrar esse tipo de atitude, seja uma campanha que incentive a mulher a se impor e lutar contra a violência, seja uma Lei que as proteja e preserve seus direitos. Tudo

isso cria um grande passo para combater o ódio e igualar os gêneros.

isso cria um grande passo para combater o ódio e igualar os gêneros.



Na apuração realizada nos comércios da cidade, 75% das mulheres entrevistadas afirmaram que já tiveram opinião desconsiderada frente à de homens

InFo Entrevista

REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO FEMINISMO LAFAIETENSE

Eduarda Rezende (Bolsista)



Míriam Cristina dos Santos, doutora em Estudos Literários e professora em Conselheiro Lafaiete fala de sua posição enquanto feminista negra

Fale um pouco sobre a importância dos papéis de professora, feminista e negra em sua vida.

Quando olho para trás, vejo que sempre me identifiquei como feminista negra, só não sabia o nome técnico, mas no meu doutorado, trabalhei desde o início com essas vertentes do feminismo. Então, consegui sistematizar isso, porque eu, como menina negra, moradora de periferia e pobre, sempre senti esse peso do racismo na pele. Na época do mestrado, trabalhava com o feminismo e pensava *“é a questão racial nisso tudo?”*. Hoje, quando vejo essa carreira que construí, de 4 anos de doutorado, trabalhando com escritoras negras, sei que elas tendem a se apegar a feministas negras, por-

que vêm reivindicar um lugar na sociedade dentro do feminismo, já que suas reivindicações não são as mesmas das mulheres brancas.

Como você se tornou feminista atuante?

Vejo as razões em termos de desigualdade, pois, quanto professora, lido o tempo todo com pessoas e essas questões de desigualdade de gênero estão sempre batendo na minha porta. Sempre vejo alunas da periferia reclamando que têm que chegar em casa e fazer almoço, enquanto os irmãos não fazem nada. Vejo isso dentro de casa, no mercado de trabalho, na televisão.

Hoje, como uma feminista atuante, o que me incomoda é que as mulheres negras estão na base da pirâmide em termos de desigualdade salarial, por exemplo. Se as mulheres recebem menos, as negras recebem ainda menos, e isso acontece graças a estereótipos. Muitas das vezes, meu corpo negro não vem com o papel de professora, porque muitas pessoas enquadram o papel na mulher negra como empregada doméstica. Essa luta para ser atuante vem do espaço que eu ocupo.

Você concorda com a opinião de que negras feministas estariam num lugar social de maior vulnerabilidade que outras mulheres?

Concordo. As mulheres negras estão num papel de muita vulnerabilidade na sociedade, porque existe toda a marca da escravidão, que rege a nossa cultura até hoje. Os corpos das mulheres negras são vistos como sensualizados, como se fossem de propriedade pública, e isso traz até a questão do estupro. Como exemplo, a Rede Globo tem a ideia da mulata Globeleza. Não gosto desse termo *“mulata”*, nem é politicamente correto para usar, mas essa mulata Globeleza é uma mulher negra, e as mulheres negras foram enquadradas nesse estereótipo, de que seus corpos estão disponíveis e são públicos.

Como você entende a não-aceitação da mulher trans no movimento feminista?

Sobre as mulheres trans, eu as entendo e compreendo como mulheres, um posicionamento meu. Existe essa discussão dentro do movimento feminista, essa divisão, mas eu as compreendo como mulheres sim, uma vez que elas

sujeitas às violências que atravessam o corpo feminino, ou às vezes, até pior porque têm essa questão do estupro corretivo. Então, ressaltando, eu compreendo as mulheres transgênero como mulheres.

O que você pensa das pessoas que dizem: o feminismo perdeu o seu lugar e hoje é mais um ími mi mi ?

Hoje ainda vejo o feminismo de suma necessidade, não é ími mi mi. Com esse fácil acesso às redes sociais, está tendo mais divulgação, e as mulheres que sofreram algum tipo de violência conseguem apoio. Por isso, as vejo, na maioria das vezes, homens falando que não se pode falar nada hoje em dia que as feministas já vem cheias de mimimi ou até mesmo outras mulheres compactuando com isso. O feminismo vem para apoiar mulheres vítimas de violências e desigualdades. É muito necessário, ainda mais agora, pensando na posição política do país, com esse regresso conservador.

Para você, o feminismo é o contrario do machismo e, se imperasse, substituiria um sistema opressor por outro?

Eu não penso, de forma alguma, que o feminismo é o contrário do machismo, pois a proposta do feminismo é alcançar uma equidade que considera as pessoas diferentes e com realidades diferentes. Então, na minha opinião o feminismo não é o oposto de machismo, e sim uma tentativa de desconstruir essas violências que hoje são consideradas atos normais. Além disso, eu não gosto de falar que o feminismo é um movimento somente pró-mulheres, pois, na sociedade, o machismo é extremamente violento até para os homens. Então, para mim, o machismo é um sistema perverso que mata pessoas todo dia pois prega expectativas que influencia o homem e a mulher a agirem de determinadas formas que os regem. Vale acrescentar também que eu penso que se no ambiente político existissem mais mulheres, nossas leis não seriam tão machistas.

É comum práticas pedagógicas sobre a questão de gênero ou, ainda hoje, isso passa em branco?

Eu vejo constantemente problemas relacionados à desigualdade de gênero e em todos os momentos. Se eu parasse em minhas aulas para discutir sobre isso, eu discutiria de uma forma geral sem vitimizar a mulher dando aberturas para um diálogo aberto com a intenção de

ouvir e entender os motivos de as pessoas reproduzirem essas ações. Além disso, hoje, de uma maneira muito comum, as meninas compartilham vídeos na internet, e as pessoas ficam estereotipando e culpabilizando a garota que, inclusive, muitas vezes, foi vítima do namorado que vazou as fotos, e a culpa, mesmo assim, cai sobre ela. Isso é uma face dessa desigualdade de gênero. Agora, sobre práticas pedagógicas que tentam desconstruir isso, não vejo em lugar algum, porém eu tento trazer obras que discutem o mesmo e tento deixar em um debate, a fim de desconstruir esses estereótipos, mas no momento estamos caminhando em passos muitos curtos para mudar isso.

Como você responderia a alguém que dissesse estas duas frases *Í Seu feminismo vai afastar os homens* e *Í O feminismo atua como instrumento de destruição da mulher, usando mulheres para denegrir a sua própria essência feminina* ?

Não tenho essa preocupação de afastar homens, pois, na verdade, apenas quero me sentir liberta e plena, porque minha emancipação enquanto mulher, negra e atuante na sociedade é lutar pelas coisas que eu acredito. Por exemplo, se um homem é antifeminista, acho que ele não é um bom parceiro no sentido de que quem está com você tem que defender e ajudar a conquistar aquilo em que você também acredita. Eu não acredito que o feminismo haja como uma ferramenta de autodestruição da mulher, pois para mim quando uma mulher se diz feminista, está se construindo e buscando ter liberdade. Quando nós feministas, falamos a respeito do mercado de trabalho e expectativas esperadas pela sociedade, nós não estamos falando que elas não devem seguir isso, e sim que a mulher pode ser o que ela quiser, ter liberdade de escolha. Agora, no que tange à destruição da mulher como consequência de ser feminista, eu acredito que o feminismo, na verdade, tem um sentido libertador. Penso que ele vem não para destruir e sim para trazer uma vertente do feminino em que nós podemos ser o que quisermos ser. Acredito que todas as construções das feministas só vêm para somar em direitos iguais para nós mulheres enquanto seres humanos em termos de conquistas. Um exemplo claro disso é apenas lembrar a história do feminismo e suas lutas por coisas que hoje julgamos ser algo normal, como o próprio direito ao voto e à educação que antes nos eram negados.

InFo Charge



InFo Notícia

PRECONCEITO LINGUÍSTICO OU SOCIAL?

Fabrizio Júnior (3º ano—Mecânica)

O InFolafaiete foi conhecer a pesquisa realizada pelo bolsista de iniciação científica Fabrício Freitas, orientada pelos professores Viviane Curto (orientadora) e Anderson Souto: *Variação e preconceito linguístico em redes sociais: preconceito social na raiz do problema*. Conheça um pouco você também.



A Sociolinguística contribui para a diversidade da fala e da escrita e hoje, com o uso das redes sociais é importante pensar como a internet foi incorporando a variação da linguagem. Apesar das conquistas, a variação linguística ainda é negada preconceituosamente em nome

de um único uso da língua: a norma padrão. Assim, as diversas variedades ainda consideradas erros nas redes sociais, onde sofrem com piadas e críticas.

Nossa pesquisa busca compreender esse fenômeno no ambiente digital, fazendo análise crítica de postagens do *Facebook* e do *Twitter* que contenham desvios do emprego da norma culta, observando sua repercussão nestas esferas sociais. Aplicamos um questionário a 120 alunos da cidade . 60 da rede Estadual e 60 da rede Federal . para verificar sua reação aos desvios linguísticos observados em algumas postagens de usuários destas redes sociais.

Os dados revelam que o preconceito social que o preconceito social está por trás do preconceito linguístico. As pessoas, portanto, são estigmatizadas mais em razão de suas posições sociais do que do suposto erro de língua que cometem. Além disso, na internet, ambiente inhóspito, as críticas aos desvios são ainda piores, principalmente se o prestígio social do escritor for baixo.

Se o autor de postagens for pobre e com pouco acesso à educação formal, sofrerá mais com críticas, para além do linguístico. Por isso, fica evidente que o ensino de variação linguística

InFo Opinião

O QUE MACHADO DE ASSIS DIRIA HOJE?

Mayara Marques (Bolsista)



No romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o defunto-autor de Machado de Assis diz que não teve filhos para não transmitir a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. Talvez hoje ele percebesse acertada sua decisão, visto que a postura de muitos brasileiros frente à intolerância LGBTQI é uma das faces mais perversas da sociedade. Frente a isso, surge a problemática do preconceito contra a orientação sexual, como algo intrínseco ao país, em virtude de manutenções ideológicas oriundas de processos históricos, somadas às ações e omissões sociais. No que tange à cultura ho-

A intolerância a pessoas LGBTQI é uma das faces mais perversas de nossa sociedade

mofóbica, elas favorecem cenários discrepantes e preocupantes.

Em primeiro lugar, de maneira análoga às rochas sedimentares, a cultura homofóbica se consolidou lentamente solidificando-se em nossa realidade. A partir de comportamentos patriarcais do medievo europeu, o período colonial brasileiro inseriu essa herança histórica no nosso ideário. Tal fato pode ser explicitado através de dados do jornal *o tempo+*, o qual relatou que o portal de denúncias *Disque 100+* registrou, durante o período de 2011 a 2017, cerca de 13 mil denúncias de crimes homofóbicos no Brasil. Além disso, pesquisas realizadas pelo *Grupo Gay da Bahia*, mostraram que o Brasil é o país em que mais se mata pessoas LGBTQI no mundo.

Em segundo lugar, conforme a corrente machadiana, o homem é inatamente um ser desvirtuado, possuidor de lacunas morais. Nesse sentido, adicionando-se ao conservadorismo familiar predominante, não há diálogo esclarecedor sobre a tolerância relativa à essa comunidade, o que se projeta intensamente no dia a dia. Logo, os resultados são ignorância e desrespeito em diversas situações, refletidos em *bullying*, exclusão, privação de direitos, agressões físicas e mortes, por vezes algo visto como justo por agressores e testemunhas.

Sendo assim, medidas são necessárias para resolver o problema. Cabe aos meios publicitários, em favor da identidade de gênero e da tolerância, se vincular com ao poder midiático, objetivando aumentar a notoriedade desse grupo, por meio de campanhas, novelas, filmes e séries que abordem o tema. E também, cabe ao Ministério da Justiça, juntamente com o poder legislativo, criar uma lei que criminalize qualquer tipo de agressão à comunidade LGBTQI, para que os crimes sejam fortemente reprimidos. Somente dessa forma, o Brasil poderá se transformar em um país desenvolvido socialmente, criando um legado de que Brás Cubas pudesse se orgulhar.

CONTATOS:



Jornal InFolafaiete

BLOG: <https://infolafaiete.wordpress.com/> / E-MAIL: infolafaietejornal@gmail.com